

DEFESA DA TESE APRESENTADA AO DOUTORAMENTO NA CADEIRA DE DIDÁTICA GERAL E ESPECIAL DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PELA LICENCIADA AMÉLIA AMERICANO FRANCO DOMINGUES DE CASTRO

A 14 de outubro de 1950 apresentou-se ao doutoramento na Cadeira de Didática Geral e Especial da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a licenciada Amélia Americano Franco Domingues de Castro, assistente da mesma Cadeira, com a tese intitulada "Princípios do método no ensino da história".

A candidata, aprovada com distinção com a média 9,4, foi arguida pela seguinte Banca: Prof. Onofre de Arruda Penteadó Junior, Professor Catedrático de Didática Geral e Especial da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo — Presidente e orientador da tese; Profa. Noemy da Silveira Rudolfer, Professora Catedrática de Psicologia Educacional; Prof. Euripedes Simões de Paula, Professor Catedrático de História Antiga e Medieval; Prof. Émile G. Léonard, Professor de História Moderna e Contemporânea — todos da mesma Faculdade — e Prof. D. Beda Kruse, Professor de Pedagogia e Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. Bento, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Referindo-se às razões da escolha do tema, a candidata declara, na apresentação de sua tese, ter tido ocasião, quando dirigindo o estágio e prática de ensino dos alunos da Cadeira de Didática, de verificar a falta de trabalhos que estudassem a didática da história, quer quanto ao aspecto da natureza dessa matéria, como quanto ao dos princípios psico-pedagógicos envolvidos no seu ensino.

Transcrevemos, a seguir, o sumário da tese em apreço:

I — A NATUREZA DA MATÉRIA.

- 1 — **Objeto da história:** os diversos sentidos da palavra; a amplidão do ponto de vista histórico; as relações entre a história e o tempo; o passado e a evolução.
- 2 — **As relações causais na história:** o problema da ciência e da causalidade; a posição de diversos pensadores e historiadores sobre o assunto; a história perante o conceito de ciência; as chamadas "leis" históricas.
- 3 — **O método histórico:** as diversas fases do trabalho de pesquisa e elaboração da história.
- 4 — **O valor da história:** justificação do lugar da história no conjunto dos conhecimentos humanos; a importância indireta do conhecimento do passado para o presente; a história e as outras ciências.

II — AS DIRETRIZES PSICO-PEDAGÓGICAS.

- 1 — **O método no ensino da história:** método científico e método pedagógico; o método pedagógico geral segundo John Wynne: princípios complementares: a teoria do interesse e a da experiência; as relações entre o método e a matéria e a harmonização da triade: matéria, fins e educando, por meio de processos de ensino adequados.
- 2 — **Objetivos do ensino da história no curso secundário:** os ideais educativos de uma democracia resumidos como sendo: a) desenvolvimento pleno das possibilidades de cada indivíduo e b) integra-

ção de cada um no meio social, do qual se deve tornar membro ativo; papel dos conhecimentos dentro dessa tendência; as finalidades do ensino secundário no Brasil; os objetivos do ensino da história, dentro das finalidades gerais do ensino secundário.

- 3 — **O educando e a história:** importância da consideração prévia da personalidade do educando; papel da motivação na escola; o interesse do adolescente pela história visto através das características intelectuais e emocionais daquele. Apêndice ilustrativo: resultados provisórios de um inquérito realizado entre alunos de ginásio.

III — OS PROCESSOS DIDATICOS.

- 1 — **Organização psicológica da matéria:** a matéria do ponto de vista do especialista e do aluno; a organização lógica e psicológica da matéria; como organizar psicologicamente a matéria.
- 2 — **A exposição do assunto:** planejamento das atividades didáticas; seleção da matéria e critérios a adotar; processos de apresentação da matéria; o processo analítico sintético.
- 3 — **A direção da aprendizagem:** papel do professor na moderna concepção de aprendizagem; elementos auxiliares do ensino da história: leituras, interrogatórios e exercícios.
- 4 — **Seleção e uso do material de ensino:** bibliografia, representação geográfica, material ilustrativo, material de construção e modelagem, coleções e museus, material de experiência direta, mobiliário escolar.
- 5 — **A verificação do aprendizado:** os resultados que devem ser obtidos do ensino da história; as finalidades da verificação; processos e planos de verificação.

IV — CONCLUSÃO.

- 1 — A natureza da matéria, suas finalidades e os interesses e capacidades do educando da escola de segundo grau.
- 2 — Princípios do método no ensino da história que merecem mais atenta consideração por parte dos professores.

A seguir, apresentaremos apenas as principais objeções feitas pela Banca examinadora, e as respectivas respostas da candidata, pois, seria demasiado extenso relatar com todos os pormenores, os interessantes debates que se prolongaram por muitas horas.

Iniciando a arguição, o Prof. Euripedes Simões de Paula dirige algumas frases elogiosas à candidata, pelo trabalho realizado. Declara, a seguir, que se pode constatar duas partes principais na tese: uma referente à Filosofia da História e outra à Metodologia dessa matéria.

Fazendo objeções somente à primeira parte, que segundo a própria autora é decisiva para a tese, o Prof. Simões de Paula, em resumo, assim as formulou: 1 — Os autores são citados na tese sem se levar em consideração a época em que escreveram, e assim igualados no tempo, não se poderá perceber a evolução do pensamento sobre o assunto. 2 — Ainda quanto à bibliografia, haveria necessidade de uma seleção melhor, pois, faltaram algumas obras importantes, como as de Toynbee, Spengler, Burkhardt, Sée, Schweitzer, Jaspers e outros. Por outro lado, houve abuso de bibliografia americana e de citações, algumas, sobretudo, desnecessárias. 3 — Tendo a candidata dado a evolução, como atributo principal da história, como explicaria a civilização chinesa antiga, que era estagnada. 4 — A afirmação de que a finalidade ideal da his-

tória é a de reconstruir a vida integral da humanidade, deve ser completada, pois, há necessidade de nela se incluir a interpretação dos fatos históricos. 5 — Há uma contradição quando a candidata escreve "o investigador, em história, precisa especializar-se" e logo adiante fala na amplidão do ponto de vista histórico. 6 — O que se deve entender por "interesse humano e social". 7 — O famoso problema da história como ciência ou como arte, é inoportuno e sem importância; a aproximação entre a história e a filosofia seria a melhor solução. Em relação com esse assunto, qual o significado do parágrafo: "embora não sendo função da história o estabelecimento de leis, aquilo que dá fundamento é vida aos fatos históricos é a explicação". 8 — Sobre a questão da causalidade histórica, por que não considerar o fator *meio*, pois, a preocupação de procurar causas pode ser perigosa no sentido de conduzir a erros. Parece que o estudo do processo histórico, com todas as suas formas de se manifestar, é que constitui o real objetivo do historiador. 9 — Não se pode aceitar a afirmação de que "o processo mental mais solicitado pela história é a análise". A análise é apenas a primeira parte do trabalho do estudante; a segunda parte, a síntese, por meio da qual interpreta-se e explica-se a história, é a mais importante. Ver Toynbee, "A study of history" e outros.

Respondendo ao Prof. Simões de Paula, assim se manifestou, resumidamente, a candidata: 1 — Na primeira parte da tese houve a preocupação de se estabelecer certos pontos fundamentais, referentes à natureza da história, para, sobre eles, construir-se a segunda parte: a didática da matéria. Estudando-se a natureza da matéria, seu campo de conhecimentos, seu objeto, seu método de pesquisa, procurou-se estabelecer seu estado atual, sem se esquecer a evolução por que passou. 2 — Quanto à escolha da bibliografia, que o examinador julga um tanto arbitrária, foram procurados sobretudo historiadores que fizeram filosofia da história, mais do que filósofos propriamente ditos. Não foram citados, portanto, todos aqueles que escreveram sobre a matéria, e, se assim fosse, a primeira parte da tese ficaria muito grande e em desproporção com as demais. Por outro lado, alguns livros sobre o assunto não puderam ser encontrados antes de terminado o trabalho, tais como os de José Honório Rodrigues, Bloch, Louis Halphen e outros. 3 — Tal problema pode ser solucionado examinando-se a definição do termo evolução, que no caso, não é aplicado no sentido de um ideal a ser atingido — de progresso —; antes, o seu sentido é de continuidade, daquilo que não cessa, que flui incessantemente. Progresso e regressão são conceitos de valor que se estabelecem. 4 — Concorde inteiramente; trata-se de um conceito preliminar que na continuação do trabalho procura precisar melhor, fazendo ver a amplidão do conceito e estabelecendo a importância da compreensão dos fatos históricos. 5 — Diz: "especializar-se, para melhor aprofundar-se", referindo-se ao método de pesquisa e elaboração nessa matéria, que torna muitas vezes necessária a divisão do trabalho. Não quis, no entanto, deixar dúvidas quanto à unidade da história apesar dessa necessidade técnica. 6 — Quanto à expressão "interesse humano e social", significa o desejo que tem o homem de conhecer e compreender a vida presente e passada de outros homens. Isso talvez se deva ao efêmero da passagem do homem sobre a terra, desejando ele ter uma sensação de maior permanência, que o leva a, participando da vida passada, ter uma impressão de continuidade. Talvez se pudesse mudar a expressão "social" por "cultural". É um ponto de vista pessoal. 7 — Quer dizer que a história não pode nem ter interesse no estabelecimento de leis, porém, procura compreender e explicar fatos, relacionando-os uns aos outros. 8 — A questão da causalidade histórica em seus vários aspectos é tão controversa que julga necessário procurar definir certos pontos e assumir uma posição sobre o assunto. Quanto ao estudo do processo histórico, como objetivo real do historiador, concorda plenamente. 9 — Ao afirmar que o processo mais solicitado pela história é a análise, refere-se ao processo de ensino, de apresentação dos fatos históricos

aos estudantes. Na escola solicita-se mais a análise; não obstante, concorda que do ponto de vista do historiador, é mais importante a síntese.

O segundo examinador a argüir a candidata foi o Prof. D. Beda Kruse, formulando objeções que, resumidamente, apresentaremos a seguir: 1 — a) Por que razão considera a candidata o século XIX, base das atuais concepções sobre a história; b) Sendo assim, qual o papel de Hegel na conceituação moderna da história; c) Nota a falta da citação de Dilthey que considera, depois de Hegel, o maior historiador das ciências do espírito e que mais do que qualquer outro compreendeu o sentido das épocas históricas e da existência humana. d) Com referência às leis na história, em que a candidata deseja dar explicações aos fatos históricos, mencionando Croce, desejaria conhecer melhores explicações, a fim de verificar se elas não coincidem com as de Dilthey. 2 — Gostaria de saber, se a candidata atribui à história caráter de ciência, ou, se julga ser “questão secundária”, por que razão ensinar história ou atribuir-lhe tanta importância no ensino secundário. 3 — No fim da primeira parte deveria figurar uma síntese (condensação), resumindo os resultados dessa parte, afim de estabelecer nexo entre a primeira e segunda parte, salientando de modo geral, porque se chega a estabelecer diretrizes psico-pedagógicas referentes ao método no ensino da história. 4 — A candidata apresenta, seguindo Willman, uma definição de “formação”, explicando-a como forma de espírito adquirida pela participação nos bens espirituais e universais, quer pelo indivíduo, quer pela sociedade. Gostaria de saber de que maneira se enquadra em tal definição o papel da história e em que sentido o estudo da história contribui para a “formação” do ponto de vista de sua essência. 5 — Concorda que se deva despertar o interesse nas adolescentes, mas acha importante ver que, seguindo as diretrizes psico-pedagógicas, tal interesse deve partir do próprio indivíduo e não da matéria. Além disso, gostaria de saber de que maneira se verificam as várias formas de interesse apresentadas pela candidata.

Em resposta a tais objeções, assim se expressou a Lic. Amélia A. F. Domingues de Castro: 1 — Que expõe de modo geral a importância das filosofias do século XIX, o chamado século da história, por apresentarem aquelas uma valorização do sentido histórico da vida humana, considerada em seu conjunto e evolução, para a qual se procuram leis. Que Hegel, abrindo caminho para uma verdadeira filosofia da história, teve sobretudo o valor de estimular o trabalho histórico sob base evolutiva, mas não faz história propriamente, e sim, filosofia. Quanto a Dilthey, reconhece sua grande importância, por acentuar o papel da psicologia na história. Referindo-se às leis em história, admite como Croce, a não existência de tais leis. Não se pode compreender um fato sem individualizá-lo, procurando ver em que consiste sua diferença dos outros. Assim, não são procuradas na história, as leis gerais da evolução, a generalidade e a abstração, ficando essa tarefa para outras ciências como a sociologia, por exemplo. Que entende por fato histórico aquele que tem ampla repercussão no tempo e no espaço, e que interessa ao homem vivendo em sociedade. O nexo entre os vários fatos históricos não é mera contigüidade no tempo ou espaço, mas sim, a relação de causalidade que entre eles exista. 2 — Que acredita ser, a nomenclatura, uma questão secundária. Se um determinado ramo do conhecimento tem método próprio, objeto próprio e é necessariamente estudado e pesquisado pelo homem, tem valor, merece respeito e pode ser ensinado, tenha ou não o nome de ciência. Portanto, no seu entender, não interessa a discussão em torno de dar-se ou não nome de ciência à história, embora, julgando-a ramo de conhecimento de grande valor, matéria indispensável de ensino, digna de ser estudada e pesquisada do mesmo modo que as comumente chamadas ciências. 3 — Concorda em que cabe no fim da primeira parte a condensação apontada, embora acredite não ter perdido de vista no decorrer da segunda e terceira partes o que foi estudado na primeira. 4 — Que a história é elemento de “formação” do espírito, por dar compreensão e significação dos fatos históricos, que tornarão o educando apto a sentir a uni-

dade, continuidade e participação do passado no presente. Terá o adolescente oportunidade de extrair benefícios muito fecundos nos três aspectos da "formação" feridos na tese: intelectual, moral e estético. 5 — Que o terceiro capítulo da segunda parte, intitulado "o educando e a história" constitui uma tentativa de resposta às objeções do examinador. Adotada uma concepção ativa da aprendizagem, procura estudar a personalidade do adolescente nos seus aspectos intelectual e emocional. As várias formas de interesse foram, no entanto, apresentadas de modo global, afim de se manter dentro das diretrizes traçadas na tese. Não cre ter havido inversão quando se refere aos interesses a despertar no adolescente; a criação de novos motivos de ação deve completar e suplementar os interesses naturais do educando.

Encerrando sua argumentação, a candidata agradece a presença do Prof. D. Beda Kruse, fazendo votos para mais frequentes contatos entre os professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de S. Bento, da Pontifícia Universidade Católica e os da Universidade de São Paulo.

Argüiu, a seguir, o Prof. Émile G. Léonard que, após dirigir algumas palavras de felicitação à candidata pelo trabalho realizado, diz que não faria críticas, mas simplesmente algumas observações.

Tais observações dividiram-se em três partes:

I — Problemas de metodologia geral — 1 — Sugere que o título da tese deveria ser completado com "... no Brasil", pois, a história está ligada às condições políticas e sociais de cada país. Acha falta, na citação bibliográfica, dos nomes de Henry Sée e Marc Bloch. 2 — Quanto ao questionário que a candidata aplicou em alunos de ginásio, sugere o examinador que, ao lado da pergunta: "por que gosta da história", deveria figurar a pergunta contrária: "por que não gosta da história". Além disso, seria interessante um estudo dos resultados do questionário relacionados com o ambiente familiar do educando e com a sua origem (tradicional ou imigrante). Refere-se também à dificuldade de se obter respostas sinceras ao questionário.

II — Concepção da história — 1 — Discorda da afirmação da candidata de que "não se trabalha empiricamente e não se trabalha só", alegando que na maior parte das vezes trabalha-se só: os trabalhos de equipe, na realidade, são quase sempre trabalhos feitos por um só, aprovados e assinados pelos outros.

III — Problemas pedagógicos. — 1 — Fala, não como especialista, mas como pai de família, aludindo à dificuldade pedagógica (dificuldade em usar métodos ativos) na história, pois essa matéria exige que o aluno reflita sobre o passado e não sobre os fatos históricos presentes. Refere-se, ainda, aos manuais de ensino de história, fazendo ver a diferença entre os trabalhos do pesquisador que procura o que não sabe e o do professor que diz o que sabe. Recomenda a comparação entre dois ou mais manuais como exercício de crítica histórica. Critica os testes como meio de verificação do aprendizado. Observa a importância dos museus escolares e julga interessante, entre os métodos citados na tese, o de problemas.

A tais argumentos do Prof. Léonard, assim respondeu a candidata: Parte I — 1 — Considera de grande valor as observações do examinador referentes ao título da tese. 2 — Quanto ao questionário, concorda em completar a pesquisa, de acordo com as idéias do examinador, embora julgue ser difícil investigar o "back ground" familiar dos alunos. Com referência à sinceridade do questionário e a seus resultados, argumentou a licenciada Amélia A. F. Domingues de Castro que as observações pessoais de longos anos de prática como assistente da Cadeira de Didática, de certo modo confirmam aqueles resultados.

Parte II — 1 — Julga que o historiador não trabalha só, no sentido de que ele tem a sua disposição trabalhos já feitos, arquivos, documentos estu-

dados, equipes de pesquisadores com quem trocar idéias, comparar e verificar seus estudos.

Parte III — 1 — Defende os métodos modernos de ensino, dizendo que eles não subentendem ausência de esforço, mas procuram obter um esforço vitalizado, interno, evitando-se a coação, o esforço como imposição exterior e separado das necessidades e interesses do educando. A memória também, não deixará de ser solicitada sendo, no entanto, exigida para os fatos essenciais. Em história, certos fatos, datas e nomes de fundamental importância precisam ser memorizados, para o que o professor usará de todos os meios ao seu alcance, pois sem eles a criança não poderia mesmo, raciocinar, refletir, e chegar a compreender a evolução histórica. Os testes são muito valiosos para que o professor verifique a memorização desses fatos. Refere-se também ao aspecto afetivo na compreensão do passado: as crianças interessando-se pelos fatos narrados com emoção, vivacidade, visualizados por meio de gravuras, cinema, etc., poderão conseguir certo grau de identificação com o passado e compreendê-lo, embora não haja, muitas vezes, uma compreensão no sentido puramente histórico, mas uma apreciação afetiva dos fatos narrados, como acontece quando se narra uma história de fadas.

Finalizando suas respostas, a candidata agradece a presença, na Banca Examinadora, do Prof. Emile G. Léonard, lembrando o papel relevante que tem tido os professores franceses no Corpo Docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Com a palavra, a Profa. Noemy da Silveira Rudolfer tece considerações sobre a significação da defesa de tese por uma mulher, felicitando a candidata pelo bom trabalho de meditação, boa intuição psicológica, bom conceito de educação e bom senso de valorização que a tese apresenta. Divide as suas observações em duas partes: uma crítica geral da tese, para a qual não pede respostas e uma parte de arguição.

I — Crítica geral: — O trabalho representa uma monografia e não tese. Seria tese se a candidata desenvolvesse a única contribuição original que consistiu no questionário. Como monografia, nota a examinadora falta dos seguintes aspectos: 1 — Crítica aos programas de história e à distribuição da matéria. 2 — Crítica à organização escolar no tocante à matéria. 3 — Papel das atividades extra-curriculares. 4 — Valor do rádio e do teatro. 5 — Importância da retenção e fixação do aprendido.

II — Arguição: — 1 — Diz que a candidata justifica a marcha dedutiva que emprega na exposição declarando ser impossível realizar uma pesquisa por não haver campo e no entanto, apresenta uma pesquisa, única contribuição original. Por que não realizou essa pesquisa em lugar da monografia. 2 — A examinadora sugere, quando a candidata refere-se aos "ideais democráticos, mais em voga", a introdução de mais um item, pois falta aí a idéia de progresso individual e social. 3 — Discorda do que diz a tese: "a história não tem de modo evidente uma valor prático". Ao contrário, acha que tem um valor prático imediato, qual seja, o de situar o indivíduo na dimensão temporal; vale pois, como adaptação do indivíduo às correntes sucessivas de cultura e às exigências do presente como produto natural do passado. 4 — A examinadora acha que há redundância na expressão "personalidade psíquica" do educando. 5 — Quanto à afirmação de que a matéria é mais difícil e desinteressante para os alunos da primeira série (pré-púberes), pergunta se não seria isso devido a deficiências do ensino, pois, poder-se-ia apelar para o gosto pela ficção e aventura. 6 — Crítica a pesquisa dizendo que o método foi deficiente e as conclusões fora dos dados que apresenta; as inferências estão além dos fatos. 7 — Quando a candidata refere-se ao desconhecimento por parte do educando, do sentido das palavras, levando-o à incompreensão dos fatos históricos mesmo próximos, pergunta se seria esse o motivo único ou se o desconhecimento de conceitos e vivências não levaria também a tal incompreen-

são. Após a sua arguição, a Profa. Noemy da Silveira Rudolfer felicita a candidata e a Cátedra a que esta pertence.

A licenciada Amélia A. F. Domingues de Castro contesta dizendo que: 1 — Julga ser o trabalho realizado necessário, em primeiro lugar, pela ausência de um estudo que reunisse os princípios derivados da natureza da matéria aos princípios pedagógicos gerais, aplicando-os à didática da história. Em segundo lugar, lutam os alunos dos cursos de Didática com dificuldades bibliográficas, podendo ser esse estudo útil a eles. Além disso, acreditou a candidata ter acertado, fundamentando primeiro sólidamente a didática da história, antes de realizar uma pesquisa que viria iluminar apenas uma parte do campo. Quanto a dizer que não há campo para o trabalho experimental, refere-se à possibilidade de realizar experiências sobre métodos de ensino. A pesquisa será completada depois que a autora colher maior número de questionários e os elaborar; foi apresentada apenas como ilustração a um capítulo, sem pretensão a fornecer conclusões. 2 — Concorde em fazê-lo, pois essa idéia está presente no trabalho, mais adiante, embora de modo difuso; quando fala, por exemplo, da formação "como desenvolvimento e enriquecimento espiritual do adolescente", e também quando fala no desenvolvimento de sentimentos de responsabilidade, participação e iniciativa quanto a vida em sociedade. 3 — Concorde em que deixou de referir-se especificamente ao valor da história como auxiliar no desenvolvimento da capacidade de auto-situar-se no tempo. Quando diz não ter a história de modo evidente um valor prático, refere-se a não apresentar, ela, um valor instrumental imediatamente percebido, como no caso das línguas, por exemplo. 4 — Concorde. Usou, porém, tal expressão, pensando em excluir os aspectos biológicos e culturais para referir-se apenas ao potencial psíquico do indivíduo. 5 — Que não realizou experiências exatas nesse sentido; tem apenas observações e leituras que a levaram a essa afirmativa. 6 — Repete que a pesquisa teve caráter apenas da tentativa e foi apresentada "como apêndice" a um capítulo, sendo que não pretende extrair "conclusões definitivas". 7 — Refere-se ao "sentido das palavras", significando que as crianças não têm ainda suficiente experiência, para ter delas conceitos exatos; portanto, se os desconhecem é devido à falta de vivências.

O quinto e último examinador a fazer uso da palavra foi o Prof. Onofre de Arruda Penteado Junior, orientador da tese, que discorreu longamente fazendo considerações sobre o valor do trabalho apresentado e expondo seu ponto de vista com referência às ciências do espírito. Apresentou, então, algumas objeções: 1 — Pede à candidata seu ponto de vista sobre a natureza do fato histórico. 2 — Acha falta de conclusões precisas, ao fim da primeira parte do trabalho. Pede esclarecimentos sobre a questão da história como ciência e sobre as leis em história; refere-se também aos processos analítico e sintético nessa questão. 3 — Critica a estrutura do trabalho, achando que os capítulos estão um tanto soltos e independentes uns dos outros e, que os princípios gerais ficaram pouco precisos, dificultando assim a leitura por parte do leigo.

A tais objeções assim se manifestou a candidata: 1 — Expõe, lembrando as respostas já dadas a outros examinadores, o ponto de vista desenvolvido na tese no que diz respeito à natureza do fato histórico, ou seja: a dificuldade de se delimitar tal fato, devido à heterogeneidade de seus componentes, a idéia da história abrangendo todos os fatos que interessam ao homem vivendo em sociedade, e os aspectos humano, social e cultural do fato histórico. 2 — Respondendo englobadamente, sumariza as idéias apresentadas no trabalho. 3 — Desde que a tese foi apresentada a uma banca composta de profundos conhecedores do assunto, não julgou necessária uma simplificação, nem uma constante referência a princípios já estabelecidos. Propõe-se, porém, a antes de imprimir a sua tese, procurar dar-lhe mais unidade, colocando depois de cada parte, um sumário das conclusões parciais. Terminando, a candidata agradece ao catedrático a orientação e apoio.

A licenciada Amélia Americano Franco Domingos de Castro, pelo valor do seu trabalho e, pelos argumentos com que o defendeu, obteve merecidamente a distinção conferida pela Banca Examinadora, contribuindo, com sua tese, para o enriquecimento bibliográfico da Cátedra de Didática, honrando, ao mesmo tempo, a tradição intelectual da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

ARRIGO LEONARDO ANGELINI